

Centro de Informação Europeia Jacques Delors

Tributo a europeus notáveis



Maria de Lourdes Pintasilgo

– uma mulher de fé, de pensamento e de acção política

Manuela Silva

Lisboa, 16 Novembro 2016

Conferência proferida por Manuela Silva

no dia 16 Novembro 2016, em Lisboa,

integrada no ciclo *Tributos a Europeus notáveis*,

promovido pelo **Centro de Informação europeia Jacques Delors**

Felicito a Dra. Clotilde Pestana, Directora do Centro de Informação Europeia Jacques Delors, por ter tomado a iniciativa de organizar este ciclo de conferências *Tributo a Europeus notáveis*.

A escolha da pessoa de Maria de Lourdes Pintasilgo para figurar entre os nomes seleccionados parece-me inquestionável. Seria mesmo lacuna grave não o fazer. Cabe-me a tarefa de o demonstrar nesta breve apresentação.

É para mim um enorme privilégio ter esta oportunidade de também poder prestar, publicamente, a minha homenagem a Maria de Lourdes Pintasilgo e expressar, de algum modo, a minha gratidão pelo muito que, pessoalmente, dela recebi ao longo da minha vida.

1. *Uma mulher nova, feita de um sopro novo*

Como pórtico desta apresentação socorro-me das palavras de uma escritora, sua admiradora, Hélia Correia, que, na sessão de homenagem a Maria de Lourdes Pintasilgo, por ocasião do seu 70º aniversário, escrevia:

É uma mulher nova, feita de um sopro novo. Toda a acção é nela espiritualidade e toda a espiritualidade é nela acção. A energia da sua intervenção é a mesma energia do seu recolhimento. Há dentro dela o único milagre capaz de iluminar os dias de hoje, isto é, a aliança de uma crença profunda e de uma tolerância a toda a prova (Outubro 2004)

Tive o privilégio de conhecer Maria de Lourdes Pintasilgo no verão de 1950, num campo de férias da Juventude Universitária Católica Feminina, na Nazaré. Tinha eu, então, 18 anos e acabava de completar o primeiro ano na Universidade Técnica de Lisboa no Instituto Superior de Economia e Gestão e ela dois anos mais adiantada na idade e nos estudos de engenharia no Instituto Superior Técnico.

Já nessa altura fiquei com a certeza que Maria de Lourdes Pintasilgo seria sempre *uma mulher de um sopro novo*. Nesse longínquo verão de 1950, falou da Universidade e da nossa responsabilidade de estudantes na universidade e na sociedade com tamanha largueza de visão e convencimento como ninguém, até então, me tinha aberto tais horizontes. Falou com o coração e o afecto com

que habitualmente revestia as suas palavras, estabelecendo pontes com quem a escutava e suscitando adesão e compromisso por parte das ouvintes, eu incluída.

Aí começou a nossa relação de companheirismo, de apreço mútuo, de cumplicidade no aprofundamento de uma espiritualidade vertida em acção de transformação do mundo. Trabalhamos juntas na organização do I Congresso dos Universitários Católicos, que viria a juntar, em Abril de 1953, cerca de 2000 estudantes, em Lisboa, provindos de diferentes faculdades das quatro Universidades então existentes (Porto, Coimbra, Clássica de Lisboa e Técnica de Lisboa).

Nesta apresentação optei por dar lugar à própria homenageada, recordando as suas palavras e cruzando-as com as de algumas personalidades que, antes de mim, foram dando os seus testemunhos. Assim, o texto desta conferência é uma espécie de recolha, selectiva, é certo, de apenas três faces de um riquíssimo e colorido poliedro, a metáfora que, a meu ver, melhor representa a pessoa Maria de Lourdes Pintasilgo.

2. A fé como energia vital para a acção

Não é possível compreender a nossa homenageada sem fazer ressaltar a fé que a animava e pela qual pautava todo o seu agir, tanto nas pequenas coisas do quotidiano como nas grandes causas da esfera pública, do pensamento e da política, em que generosamente tanto se envolveu.

A fé está na génese da sua motivação profunda como na finalidade que imprime sentido à sua acção. Ela própria o assume de modo explícito quando diz:

A fé é fundamentalmente uma experiência no sentido de uma realidade que se experimenta, que é vivida. E essa realidade não se pode identificar, nem com uma série de silogismos bem elaborados, nem com uma intuição povoada de imagens que uma civilização determinada em nós produz.

A experiência de fé supõe uma irrupção histórica do acontecimento Jesus Cristo que, hoje, me pergunta: E tu, Simão Pedro, quem dizes que eu sou? A pergunta ficou feita e a resposta vai ser revelada pelo tecido da sua vida.

(In *Imaginar a Igreja- Reflexões ultrapassadas?* Multinova, 1980).

Para Maria de Lourdes Pintasilgo, ser cristão não era, pois, *um dado adquirido pelo baptismo*, nem uma pretensa afiliação num certo clube com alguns correspondentes sinais exteriores, em ocasiões especiais. A fé é, sim, uma conquista constante do espírito, em resposta ao apelo sempre fiel de Deus.

O dinamismo da fé pressupõe que o crente se deixa interpelar em permanência pelo entendimento que vai fazendo da Palavra de Deus - a Palavra da revelação bíblica e a palavra da realidade temporal em que vive, os sinais dos tempos, como referia o Papa João XXIII na famosa encíclica *Pacem in Terris*.

Por outro lado, a fé exige uma permanente re-invenção de interpretação e de resposta face à complexidade das situações concretas da nossa existência e daí a importância de uma formação permanente guiada pela liberdade de espírito e animada pela esperança e pelo amor.

Deixo a palavra a Maria de Lourdes Pintasilgo:

É nesta experiência que a liberdade do homem-de-fé se vai construindo. Vai a cada momento refazer a imagem que tem de si próprio e a imagem que tem de Deus ... a experiência de fé será tanto mais próxima da verdade de Deus quanto mais se desfizerem os mitos, as imagens, as construções que o próprio homem produziu e substituiu a Deus (Cf. Imaginar a Igreja – Reflexões ultrapassadas? Ibidem).

Nesta transcrição, está bem vincada a ideia de que a fé de Maria de Lourdes Pintasilgo é um caminho pessoalíssimo, um caminho exigente, feito a partir de uma adesão firme à Palavra de Deus, o que supõe desassossego e desacomodação aos mitos, às rotinas e às ideias feitas que são, para muitos, almofadas de conforto, mas em nada conformes aos apelos do Evangelho a uma utopia de nova terra e novos céus. Maria de Lourdes Pintasilgo nunca se deixou seduzir por esses lugares de conforto. Sempre a conheci como uma mulher de busca no plano espiritual e de suspeita em relação à fé, mesmo quando a envolvência eclesial e política lhe não era propícia.

Esta posição explica por que razão Maria de Lourdes Pintasilgo era, simultaneamente, admirada, mas ao mesmo tempo temida, em certos meios católicos e por algumas figuras da Hierarquia da Igreja em Portugal, nas décadas

de 60 e 70. Sei que isso a fazia sofrer, mas não retroceder no seu percurso pessoal.

Aliás, Maria de Lourdes Pintasilgo encontrava confirmação do seu modo de pensar a fé no pensamento de conceituados teólogos de outras geografias, cujas obras não só lia como debatia e ajudava a divulgar nos seus círculos mais próximos. Com alguns proeminentes teólogos e teólogas mantinha correspondência e lateralidade de diálogo. O conhecimento das fontes bíblicas e patrísticas bem como da doutrina social da Igreja, que desde cedo cultivava ao nível da melhor formação académica, constituía uma base sólida que lhe servia de inspiração e de incentivo para o seu percurso espiritual pessoal e ao mesmo tempo lhe proporcionava um sólido fundamento para a argumentação quando a controvérsia se impunha.

Maria de Lourdes Pintasilgo, como muitos cristãos da década de 60 do século XX, designadamente as mulheres, viveu intensamente o anúncio do Concílio Vaticano II, o desenrolar dos trabalhos conciliares e a divulgação os documentos doutrinários e pastorais daí resultantes e pode dizer-se que se empenhou, profundamente, em passar à prática os ensinamentos recolhidos. Foi uma obreira do *aggiornamento*, tanto no que concerne à vida interna da Igreja como, sobretudo, no que se refere à sua relação com as *realidades terrestres*.

Acerca da espiritualidade de Maria de Lourdes Pintasilgo muito mais haveria que lembrar, por exemplo, o lugar que dava ao silêncio, à oração e à liturgia, o empenho com que lidava com o ecumenismo, ou a abertura com que ia ao encontro de outras espiritualidades, as acolhia, valorizava e era capaz de integrar os seus distintos contributos na espiritualidade cristã.

A concluir esta importante faceta da homenageada, destaco ainda quatro tópicos à maneira de síntese:

- Para Maria de Lourdes Pintasilgo a fé é um caminho de busca atenta e perseverante, percorrido na esperança de que a promessa de Deus se realize, aqui e agora, em frutos de justiça, de verdade e de paz, o reino de Deus, ou, nas palavras de um Autor que regularmente frequentava, Yves Congar: *A fé não é uma certeza tranquilizante*. A esta afirmação juntava as palavras de um outro

teólogo, também da sua preferência, o protestante Óscar Culman, *a fé é uma tensão entre um já e um ainda não.*

Foi este percurso de fé que conduziu Maria de Lourdes Pintasilgo a assumir uma atitude de maturidade laical como mulher na Igreja, em sintonia, aliás, com o pensamento conciliar, a usar da palavra e da sua influência pessoal em vários fora nacionais e internacionais.

Foi o mesmo percurso de fé que a levou a aceitar cargos públicos de responsabilidade na cena política nacional e internacional e a manter sempre uma presença viva no plano da cultura e do pensamento contemporâneo, antecipando propostas de soluções para as *idades futuras.*

Foi o mesmo percurso de fé que a levou a tecer redes de solidariedade em torno de causas comuns e a entregar a sua vida para as fazer vingar.

3. A acção cívica, eclesial e política

A vida de uma pessoa não se distingue apenas por aquilo que ela realiza e ganha visibilidade no espaço público. Mas há vidas que não se compreendem sem que recordemos as suas realizações materializadas em obras e outras marcas deixadas nas instituições a que ficaram ligadas ou nos cargos que desempenharam. A vida de Maria de Lourdes Pintasilgo não se apreende sem uma referência à sua acção cívica, eclesial e política nas suas quase 6 décadas de vida activa.

Licenciada em engenharia química pelo Instituto Superior Técnico iniciou a sua carreira profissional, em Setembro de 1953, como investigadora na Junta Nacional de Energia Nuclear, na qualidade de bolseira do Instituto de Alta Cultura, o que serviu de trampolim para, no ano seguinte, vir a ser contratada para chefe de serviço no Departamento de Investigação e Desenvolvimento da Companhia União Fabril (CUF) e assim foi a primeira mulher a ser aceite nos quadros técnicos superiores de uma das empresas portuguesas de maior prestígio na década de 50. Trabalhou nas fábricas do Barreiro e nos Centros de Investigação de Sacavém e Lisboa, assumiu a direcção de projectos no Departamento de Estudos e Projectos da CUF, dos quais se destacam a edição

da revista *Indústria* e a organização dos Colóquios de Actualização Científica, destinados aos quadros técnicos da empresa.

A sua experiência de trabalho numa empresa industrial, o seu contacto com o mundo fabril, sobretudo, com as condições de trabalho das mulheres, apesar da sua curta duração (cerca de 5 anos) não deixará de influenciar o seu pensamento e o desenrolar da sua acção futura na Igreja, na sociedade e na política.

Em 1957, Maria de Lourdes Pintasilgo é co-fundadora em Portugal do movimento internacional Graal de que viria a ser vice-presidente internacional entre 1964 e 1969. Nessa qualidade desempenha intensa actividade no plano internacional, com presença em vários continentes, exposição a diferentes culturas e participação em projectos de desenvolvimento com destaque para a promoção das mulheres.

No Graal em Portugal, foi mentora e impulsionadora de diferentes iniciativas, nomeadamente as seguintes: *Rede Lien* (1989-2004); *Trabalho e Família – Responsabilidade Total* (2001-2002); *Para uma Sociedade Activa* (1996-2000); *Banco de Tempo* (2001 e seguintes) e outras.

A entrada na acção política inicia-se com a missão de procuradora à Câmara Corporativa na Secção XII – *Interesses de ordem administrativa, 1.ª Subsecção: Política e Administração Geral*. Foi a primeira mulher a exercer funções nesta secção, cargo que desempenhou até Abril de 1974. Recordo que, antes de aceitar este convite pessoal de Marcello Caetano, já tinha recusado um outro para integrar a lista de deputados concorrentes às eleições para a Assembleia Nacional. Na qualidade de procuradora, deixou marcas da sua independência (votos de vencida) em vários pareceres sobre temáticas fundamentais como a liberdade de imprensa, o modelo de desenvolvimento económico e a proposta de alterações à Constituição.

De destacar, também, a sua presença no *Grupo de Trabalho para a Participação da Mulher na Vida Económica e Social*. No exercício dessas funções, integrou a Delegação Portuguesa à Assembleia Geral da ONU e participou em várias sessões daquela Organização Internacional. As temáticas das suas várias intervenções revelam a sua ousadia e a atenção com que se envolvia nas

problemáticas do tempo. Entre outras, cito: o direito dos povos à auto-determinação (Novembro de 1971), a juventude (Dezembro de 1972), a condição feminina (Novembro de 1972), a situação social no mundo (Outubro de 1971), a liberdade religiosa (Dezembro de 1972).

Maria de Lourdes Pintasilgo foi presidente da *Comissão para a Política Social relativa à Mulher*, criada em Setembro de 1973 e manteve-se como presidente da Comissão da Condição Feminina, que àquela sucedeu, em 1975.

Depois da Revolução do 25 de Abril de 1974, foi nomeada Secretária de Estado da Segurança Social no I Governo Provisório. Ocupou como Ministra a pasta dos Assuntos Sociais nos II e III Governos Provisórios, entre 17.07.1974 e 25.03.1975. O programa de acção, que concebeu para aquele Ministério, mereceu a classificação de programa-modelo, por parte do Secretariado do Desenvolvimento Social para a Europa da ONU. Introduziu, no programa daquele ministério, a aplicação do princípio da universalidade das prestações sociais do Estado.

Foi embaixadora junto da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Também nesse cargo, Maria de Lourdes Pintasilgo se distinguiu. Durante a Conferência Geral de 1976, realizada em Nairobi, foi eleita, por quatro anos, membro do Conselho Executivo da UNESCO, por proposta dos países ocidentais, com o fundamento expresso nestes termos: *pelo reconhecimento das suas capacidades na resolução de problemas difíceis e pelo seu conhecimento profundo em matérias como ciência, educação e cultura.*

Em 19 07 1979, aceita o convite do Presidente da República de então, o General Ramalho Eanes, vindo a desempenhar o cargo de I Ministro do V Governo Constitucional, um governo de gestão incumbido de preparar as eleições legislativas intercalares, mas que Maria de Lourdes Pintasilgo aproveita para introduzir na governação mudanças significativas no sentido de maior justiça social, educação para todos, promoção da ciência e da cultura bem como uma visão ética na condução dos negócios do Estado, que ficaram bem patentes na vasta produção legislativa daquele curto período da nossa história democrática

bem como no estilo de governação, dialogante e de proximidade com os cidadãos.

Maria de Lourdes Pintasilgo foi também uma mulher de causas públicas. Entre outras, empenhou-se na causa pela independência de Timor-Leste, tendo sido consultora do Presidente da República Ramalho Eanes. Foi mentora e impulsionadora de importantes movimentos sociais e cívicos, nomeadamente na criação da Rede de Mulheres (1980-1986), na Plataforma Inter-Grupos, no Movimento para o Aprofundamento da Democracia (MAD), entre 1982 e 1985, e na Plataforma Europeia para o Ambiente.

Como é sabido, foi candidata independente às eleições presidenciais de 1986 e, também aí, se destacou pelo modo como conduziu a sua campanha e pelas temáticas que introduziu no debate político de então.

Entre 1987 e 1989, foi deputada ao Parlamento Europeu, na qualidade de independente integrada no Grupo Socialista.

Fez parte de diferentes órgãos directivos ou consultivos de instituições universitárias internacionais, como, por exemplo, o prestigiado World Policy Institute da New School of Social Research, em Nova Iorque (1982). Foi igualmente membro do Conselho Directivo da Universidade das Nações Unidas, entre 1983 a 1989, por designação do Secretário-Geral da ONU, do Director-Geral da UNESCO e da Santa Sé. Entre 1990 e 1992, foi conselheira especial do Reitor da Universidade das Nações Unidas. Presidiu, entre 1993 e 1998, ao Conselho Directivo do Instituto Mundial de Investigação sobre Desenvolvimento Económico da Universidade das Nações Unidas (WIDER/UNU).

Em 1983, torna-se membro do Conselho de Interação de Ex-Chefes de Governo, organismo criado por Kurt Waldheim, Leopold Senghor e Helmut Schmit, ocupando a sua vice-presidência entre 1988 e 1993.

De 1989 a 1991, fez parte do Conselho da Ciência e da Tecnologia ao Serviço do Desenvolvimento, eleita pela Assembleia Geral da ONU e é membro do Grupo de Peritos da OCDE sobre *A Mudança Estrutural e o Emprego das Mulheres* (1990-1991), a convite do Secretário-Geral daquela organização. De

1992 a 1994, foi presidente do Grupo de Peritos do Conselho da Europa sobre *Igualdade e Democracia*.

Merece especial destaque, pelo alcance do trabalho produzido, a sua nomeação, como presidente da Comissão Mundial Independente sobre a População e Qualidade de Vida (1992-1997).

Ainda no plano internacional, cabe destacar que foi membro das seguintes entidades, entre outras: Fundação Europa - América Latina (1984); Clube de Roma, Paris (1984); Sisterhood is Global Institute, em Nova Iorque (1986, tornando-se sua presidente, em 1994); do comité consultivo do Synergos Institute, Nova Iorque (1988); Instituto para o Desenvolvimento e a Acção Cultural (IDAC), Rio de Janeiro (1997); Institute for Democratic Electoral Assistance, em Estocolmo (1997); Conselho de Women World Leaders, Cambridge (1998) e membro do World Order Model's Project. Entre 1995 e 1996, foi presidente do Comité dos Sábios, a convite do Presidente da Comissão Europeia.

Em 1987, lecionou, na Universidade Internacional de Lisboa, um Curso sobre *Problemas de Desenvolvimento Global*. Durante o ano de 1994, foi professora na Universidade Aberta de Lisboa, no Mestrado em Relações Interculturais, da disciplina *Nacionalidade, Cidadania e Identidade Cultural*.

Entre 1991 e 2002, foi membro do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida, eleita pela Assembleia da República. Torna-se, desde 2001, presidente da Fundação *Cuidar O Futuro*, uma iniciativa por si concebida e instituída pela Associação Graal.

4. Motivação, finalidade, linhas de rumo

Concluída uma resumida – ainda que extensa – apresentação curricular, importa que nos debrucemos sobre o que subjaz ao seu percurso de vida activa enquanto motivação e finalidade e bem assim proceder à identificação das principais linhas de rumo que nele se inscrevem.

Escolho como fonte o discurso que fez quando da sua tomada de posse como Chefe do Governo dos cem dias, um tempo que - recordemo-lo - era de grande perplexidade e de complexa encruzilhada política.

Maria de Lourdes Pintasilgo estava bem consciente do desafio que lhe fora feito, por isso começou o seu discurso com uma interrogação: Por que aceitamos fazer parte desta “marcha de cem dias”? E a esta pergunta Maria de Lourdes Pintasilgo responde com palavras claras, incisivas e emotivas:

Poderíamos dizer o serviço, o sacrifício, a missão, e diríamos a verdade.

Mas preferimos dizer: o risco, o gosto de o enfrentar, porque difícil é a tarefa e árduos são os caminhos.

Preferimos dizer a solidariedade e o desejo de a viver até ao fim, porque saibrosa é a terra que cultivamos e dura a labuta quotidiana.

Preferimos dizer a lucidez e a procura de uma verdade cada vez mais limpa, porque emaranhados são os problemas e contraditórias as soluções.

Também no mesmo discurso, há uma notória preocupação em introduzir uma metodologia inovadora na governação. São palavras suas:

Ouviremos o protesto donde quer que venha, e no coro das aspirações dissonantes e por vezes antagónicas prestaremos atenção ao silêncio dos que na sociedade permanecem sem voz.

A luta que travamos é contra o tempo – empurrá-lo, como diz o poeta, ao encontro das cidades futuras, para que se desenhem caminhos novos para que se não percorram desnecessariamente as vias do desencanto alheio.

O lugar onde travamos a luta é aqui e longe. São os nossos problemas reais, concretos do povo que somos, mas são também os problemas do mundo de longe.

Porque todo o problema é hoje universal e planetário (...) há que aceitar compartilhar o destino da Humanidade inteira.

Neste discurso, transparece, para além da motivação pessoal assumida como colectiva, que subjaz à aceitação do cargo da chefia do governo, a determinação de lhe imprimir uma matriz própria de assumir o poder que lhe é conferido a que servem palavras como concretude (a atenção *aos problemas reais e concretos do povo que somos*), atenção ao clamor e às aspirações dos governados, preferência pelos sem voz, solidariedade universal e planetária (*os problemas do mundo de longe*).

Dir-se-á que o texto escolhido para fundamentar estas considerações é de carácter muito circunstancial, o que é verdade, tanto mais que no espólio recolhido na plataforma se encontram muitos outros discursos e o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo não pode deduzir-se apenas das suas palavras proferidas em público em ocasiões específicas.

Recorro por isso a um outro discurso, este pronunciado em circunstância bem diferente, no lançamento do Movimento para uma alternativa democrática (MAD) realizado no Plenário do Porto, em Janeiro de 1984. Neste caso, a intenção de Maria de Lourdes Pintasilgo era a de tornar explícita a finalidade desta sua nova iniciativa. Por isso começa por afirmar que se trata de uma proposta de *nova cultura política* e diz:

Recusamos firmemente a política que olha as coisas públicas com as ideias e a retórica do princípio do século.

Nesta sua intervenção, Maria de Lourdes Pintasilgo traça um panorama assaz cinzento acerca da situação que se vive no País, uma década depois da Revolução de abril de 1974:

Tempo de desencanto, tempo de escape face á urgência do presente, através da evocação saudosista do que “poderia ter sido” ou da boa intenção moralista do que “poderia vir a ser”.

Em particular, Maria de Lourdes Pintasilgo chama atenção para a inoperância da gestão pública, para a política míope da inevitabilidade e da resignação cobarde, veiculada pelo argumento “não há alternativa” e apela à mobilização dos cidadãos e das cidadãs na busca de caminhos inovadores que apontem para uma economia ao serviço das necessidades das pessoas e suas comunidades, para o bem comum e para um processo de desenvolvimento democrático.

Há quem acuse a homenageada de pairar no mundo das utopias e não prestar a devida atenção às problemáticas concretas o que é, manifestamente, um mero pré-juízo sem correspondência com os factos. Basta recorrer à orientação que imprimiu ao Relatório sobre a população e a qualidade de vida para desfazer tal ideia.

Com efeito, tanto nos trabalhos preparatórios como nos documentos finais estão presentes análises de situação e propostas que cobrem questões tão diversas e prementes como as seguintes: a marginalização e a pobreza de grande parte da população mundial e a necessidade de medidas radicais para as superar, a humanização do sistema produtivo, a redefinição das regras do trabalho humano, a alteração dos padrões de consumo na perspectiva da ecologia, a libertação das mulheres, o empoderamento das pessoas, a política activa do cuidado.

Das suas preocupações e linhas de rumo nos dá conta também o discurso que Maria de Lourdes Pintasilgo pronunciou na Universidade das Nações Unidas, em Setembro 1991. Começa por lembrar que o objectivo desta Universidade é a investigação, a formação e a difusão do conhecimento relativamente a questões urgentes da sobrevivência da Humanidade e traça depois o quadro de perplexidades com que em seu entender já estávamos confrontados no final do milénio.

Com larga visão prospectiva, aponta como desafios maiores: a aurora de uma nova civilização, a perda de parâmetros de referência básicos, a complexidade e a acentuada dinâmica das mutações económicas, tecnológicas e culturais, a turbulência, a imprevisibilidade e a incerteza com que teremos de aprender a conviver. Escutem-se as suas próprias palavras:

Pertencem ao passado o paradigma da evolução linear, do crescimento contínuo e do progresso ilimitado.

Precisamos de novas ferramentas de percepção da cultura, da política, dos mecanismos socioeconómicos.

Precisamos de novas categorias mentais e de uma renovada imaginação do futuro.

Como se depreende destes discursos, aqui referidos a título exemplificativo, Maria de Lourdes Pintasilgo sabia bem diferenciar as suas palavras em função dos ouvintes e destinatários das mesmas, modulando o conteúdo, as ênfases e a forma, mas a substância permanecia intacta com o seu timbre de *mulher das cidades futuras*. É o que reconhecem também outros autores e autoras que sobre ela escreveram os seus depoimentos publicados no livro com o título acima citado. Recordo três apreciações respigadas do livro *Mulher das cidades futuras*:

As metas de Maria de Lourdes Pintasilgo estão colocadas no infinito (Ana Maria Braga da Cruz)

Os seus olhos sabiam ler o lento fluir do tempo (António Cardoso Ferreira)

O tempo em que ela pensa e sentido em que age é o do futuro essencial e aberto, não o do passado contingente e fechado (António Sousa Franco)

Para Maria de Lourdes Pintasilgo, nas suas próprias palavras, agir era ao mesmo tempo *uma esperança e uma responsabilidade*.

5. O lugar de Maria de Lourdes Pintasilgo no pensamento contemporâneo

Termino esta apresentação com uma referência ao papel de Maria de Lourdes Pintasilgo no pensamento contemporâneo.

Maria de Lourdes Pintasilgo dispunha de uma base teórica sólida que alimentava numa pluralidade de fontes disciplinares: a filosofia, a sociologia, a teologia, a

história ou a ciência política. Sempre a par do pensamento mais recente, crítico e bem fundamentado, como que convivendo de perto com os diferentes autores. Conversar com ela era um fascínio de que resultava um imenso valor acrescentado para quem tinha o privilégio de o poder fazer.

Isabel Allegro Magalhães encontrou uma boa expressão para identificar o lugar de Maria de Lourdes Pintasilgo no pensamento contemporâneo quando escreve que o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo é *um pensar-com*. Eu acrescentaria que era um pensamento construído a partir de uma posição de humildade, própria de quem sabe reconhecer valor no pensamento de outrem e com ele entra em diálogo de convergência, mais do que em dissonâncias e polémicas.

Por outro lado, o seu pensamento era construído a partir da realidade experienciada, devidamente reflectida com exigência crítica e partilhada com terceiros, pessoas concretas do vasto círculo das suas relações sociais, nacionais e mundiais, e de autores e autoras de obras relevantes, que lia noite dentro, assimilava com sentido crítico e generosamente partilhava com as pessoas mais próximas.

Num artigo publicado em obra recentemente editada (Marginalidade e Alternativa) destinada a dar visibilidade às mulheres filósofas e ao seu pensamento, Marília Rosado Carrilho escolhe Maria de Lourdes Pintasilgo. Reconhece que não foi filósofa de profissão, mas foi uma pensadora que merece destaque no pensamento filosófico do século XX e primeira década do século XXI: *O seu pensamento ético-político, feito da experiência pensada e apoiado nos filósofos e filósofas que leu, demonstrou estar à altura do pensamento filosófico. (...) De Martin Heidegger a Carol Gilligan, de Emmanuel Lévinas a Martin Buber, de Hanna Arendt a Thomas Khun, de Maurice Merleau-Ponty a Hans Jonas, entre outros, as suas leituras do pensamento filosófico contemporâneo deram-lhe as bases para edificar o seu próprio pensamento.*

Poderíamos tecer considerações análogas se quiséssemos referir-nos ao pensamento teológico ou à ciência política.

No que à filosofia concerne, Marília Carrilho destaca, ainda, algumas ideias-chave a propósito da concepção da vida humana da qual decorre a ideia do princípio de responsabilidade e do cuidado de uns humanos pelos outros humanos. Assim, cabe sublinhar como temas matriciais do seu pensamento os seguintes:

- A concepção da vida humana (ser uns-com-os-outros), alteridade e responsabilidade de cuidar de si e dos outros (*somos uma camada de seres ligados uns aos outros, antes de qualquer outra consideração, anterior à solidariedade, princípio político da organização da sociedade e em que a principal responsabilidade cabe ao Estado*)
- O princípio da responsabilidade como fundamento da ética contemporânea (*A responsabilidade surge como a capacidade de resposta, consequência do laço ôntico que nos liga na noosfera a que todos pertencemos porque existimos*)
- *Uma ética menos baseada na justiça mas mais baseada no cuidado dos seres humanos uns pelos outros.*

6. Títulos e prémios

Esta apresentação não poderia terminar sem uma referência aos títulos e prémios que, em vida, lhe foram atribuídos, de entre os quais destaco:

- *The 1986 Living Legacy Award*, atribuído pelo Women's International Center, (San Diego, na Califórnia).
- Doutoramento "honoris causa" pela Universidade Católica de Lovaina (1990).
- A Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo (1981), tornando-se na primeira mulher agraciada nessa Ordem com esse grau;
- A Grã-Cruz da Ordem do Infante (10.06.1994)
- A Medalha Machado de Assis pela Academia Brasileira de Letras (13.11.1997).

7. Palavras finais

Admito que os tenha fatigado com uma comunicação demasiadamente longa. Ainda assim, termino com a convicção de que ficou muito por dizer ou sequer enunciar.

Resta-me a consolação de que, felizmente, além da plataforma criada pela Fundação *Cuidar do futuro* onde estão disponíveis os documentos escritos da autoria de Maria de Lourdes Pintasilgo (www.arquivopintasilgo.pt), existe um vasto conjunto de obras suas com chancela editorial, também inventariadas naquela plataforma, que permitem conhecer melhor e com mais abrangência o pensamento e a acção de Maria de Lourdes Pintasilgo.

A este propósito, gostaria de destacar dois livros, em virtude da sua natureza: *Mulher das cidades futuras* que reúne depoimentos e reflexões de um vasto conjunto de personalidades publicado como homenagem pelos seus 70 anos de vida (2000) e o livro *Palavras Dadas* (2005) editado a título póstumo, no qual se reuniram os textos que a homenageada decidiu preparar e dedicar a cada uma das pessoas que participaram no primeiro.

Termino com a palavra do Petit Prince que traduz bem o sentimento que me habita nesta hora e que a homenageada, certamente, gostaria de escutar: *l'essentiel est invisible aux yeux*.

Novembro 2016

Manuela Silva